

A INFÂNCIA NO CINEMA: UM PROJETO DE EXTENSÃO

THE CHILDHOOD IN THE CINEMA: AN EXTENSION PROJECT

MARCHI, Rita de Cássia
atoseditora@gmail.com
FURB - Universidade Regional de Blumenau

OLIVEIRA, Daniela Odete
daniooliveira@hotmail.com
UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí

SANTOS, Maristela Pitz
prazerdeler@hotmail.com
PMB - Prefeitura Municipal de Blumenau

SANTOS, João Altair
jaltair@bol.com.br
PMP - Prefeitura Municipal de Pomerode

RESUMO A infância tem, nas últimas décadas, exigido atenção das políticas públicas, notadamente a partir da promulgação dos Direitos das Crianças, caracterizando modificações na concepção destas categorias no âmbito da escola, da família, das mídias. O projeto “Infância e Cinema: olhares sobre a criança”, elaborado no quadro teórico da Sociologia da Infância, é um projeto de extensão universitária que discute imagens da infância veiculadas pelo cinema. Tendo a criança como centro das narrativas, o propósito é estimular, junto a profissionais da Educação Básica de Blumenau e região, e estudantes de cursos de Licenciatura, reflexão sobre a construção social da infância, percebendo as crianças em diferentes contextos sociais e geográficos. Como resultados, destacam-se as discussões que se multiplicaram nos locais de trabalho dos participantes, possibilitando “mover o pensamento” e colocando em xeque concepções tidas como “naturais” ou “únicas” sobre crianças, a infância e sua educação.

Palavras-chave: Cinema. Crianças. Educação. Infância. Sociologia da Infância.

ABSTRACT Childhood has in the last decades, demanded attention from the public policies, mainly, since the enactment of the Children’ Rights, characterizing modifications in the conceptions of these categories in the context of school, family and media. The project “Childhood and Cinema: eyes on the child”, elaborating a Sociological Childhood theoretical framework, a university extension project which discusses the images linked through cinema. Having the child as the center of the narratives, the purpose is to stimulate, together with the Basic Education professionals of (city name) and students from the Teaching courses, reflection on the social construction of childhood, noticing children in different social and geographic contexts. As a result, there are discussions that have multiplies in the workplace of the participants, enabling "to move the thought" and jeopardizing

concepts earlier considered "natural" or "unique" about children, childhood and education

KEY WORDS: Education. Childhood. Cinema. Sociology of Childhood. Childrens.

1 INTRODUÇÃO

Este texto se caracteriza como relato de experiência pedagógica e tem por tema um projeto de extensão universitária denominado “Infância e Cinema: olhares sobre a criança”, elaborado e executado por um grupo de pesquisa vinculado ao PPGE da Universidade Regional de Blumenau.¹ O citado projeto teve o apoio financeiro do Fundo Municipal de Apoio à Cultura de Blumenau, através da Fundação Cultural de Blumenau (FCB), com duração de um semestre letivo, tendo sido iniciado em março de 2013 e finalizado em julho deste mesmo ano.

A arte pictórica foi um dos elementos centrais que P. Ariès utilizou, nos anos 60, para expor sua tese de que a ideia que temos hoje de infância é decorrente de um trabalho de construção social e histórica. Assim, esse historiador argumenta, em seu clássico livro “História Social da Criança e da Família”, o momento histórico em que as crianças começaram a compor, nas telas de artistas da época, junto com os demais membros da família, um quadro da “vida íntima” ou privada. É, portanto, a partir da importância e centralidade que a criança começa a ter nos chamados “retratos de família” que Ariès (2011) desenvolve o argumento da construção social de um “sentimento de infância” a partir do Renascimento europeu.

Em tese sobre a chamada criança “de rua” no Brasil, Marchi (2007) discute o deslocamento que os conceitos de infância e criança sofreram a partir do momento em que a legitimidade incontestada da natureza “natural” da infância entrou em declínio no confronto com sua natureza construída ou histórica. Para essa autora, a intensa reflexividade em torno das premissas ontológicas da infância e da criança tendo, como um dos seus mais visíveis efeitos, sua desconstrução contemporânea, fez emergir o atual problema de sabermos *se existe e o que constitui* o núcleo comum desses fenômenos. Ou seja, essa desconstrução e reflexividade se iniciam a partir do momento em que o que tinha sido visto, até os anos 60 do século XX, como

¹ Participantes do projeto: Daniela Odete de Oliveira, Elizete Feliponi, Geovana H. Henning, Graziela Maffezzolli, Maristela Pitz dos Santos, Morgana Tillmann, Silvia Olênia dos Santos. Professores: Dra. Rita de Cássia Marchi e Ms. João Altair dos Santos

possuindo uma natureza incontestada e imutável, deixou de ser dado como certo. Assim, ficam atualmente disponíveis ao inquirido as características modernas ou “clássicas” que reconhecíamos à infância e às crianças (passividade, incompletude, heteronomia, dependência, obediência, etc.). Nesse sentido, o que se coloca em discussão é a forma socialmente negativa como, até bem pouco tempo atrás, as crianças eram compreendidas; isto é, a forma como lhes eram atribuídas essencialmente características negativas de “falta” e de “incapacidade”. Essa incapacidade social atribuída às crianças era, portanto, a base da invisibilidade social, epistêmica e histórica da infância (SARMENTO, 2007).

Uma consequência dessa invisibilidade social foi a de se negar às crianças seus atuais direitos de participação na sociedade, já que eram compreendidas como indivíduos incapazes de compreender e contribuir para com a realidade que as cerca.

Na esteira do trabalho de desconstrução/reconstrução teórica dos conceitos de infância e criança, esses têm exigido, nas últimas décadas, no entanto, uma especial atenção das políticas públicas no Brasil e em grande parte do mundo, a partir, especialmente, da promulgação da Convenção sobre os Direitos das Crianças em 1989. Essa atenção pública caracteriza, portanto, um momento de modificações na concepção destas categorias em diversos âmbitos: na escola, na família, nas mídias, etc.. Assim, o que está hoje no centro do debate sobre a infância e as crianças contemporâneas e sua educação (escolar, familiar) é a discussão em torno das antigas e das novas concepções a respeito desses que hoje são considerados, pela lei, como cidadãos com direitos e deveres.

O surgimento, nos anos 80 e 90, dos chamados novos estudos sociais da infância (sociologia da infância, antropologia da criança) fez emergir um novo paradigma para o estudo e compreensão da infância e das crianças. Nesse novo paradigma a infância é vista como uma construção social (histórica e cultural) e as crianças como atores sociais. Foi, portanto, no quadro teórico da Sociologia da Infância que o grupo de estudantes do Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau elaborou, sob a coordenação de dois professores, o projeto de extensão universitária, acima mencionado e aqui relatado em suas bases teóricas e metodológicas. Esse projeto, numa referência à linguagem do cinema, pretendeu

colocar as imagens da infância e das crianças *em movimento* (isto é, em discussão).² Assim, a(s) criança(s) era(m) sempre o ponto central das narrativas fílmicas e o objetivo era estimular a reflexão sobre os diferentes modos de vida das crianças, percebendo a construção histórica, cultural e social da infância e de como essa é vivenciada em diversos contextos sociais em diferentes partes do Brasil e do mundo.

O projeto, vinculado ao Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Interdisciplinar da Criança e do Adolescente (NEICA), cadastrado junto ao Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ, oportunizou, portanto, através da linguagem do cinema e das Ciências Sociais, a construção de outras possibilidades de compreensão da infância e das crianças junto a profissionais que atuam na área da Educação e demais áreas que lidam com as questões sociais, políticas e jurídicas da infância. Na programação do projeto constavam filmes que tratam das relações intergeracionais (relações do mundo infantil e o adulto) nos diversos espaços sociais (família, escola, ruas); mas, filmes que tratam também mais especificamente do universo infantil ou da interação entre pares na construção das chamadas “culturas infantis” (CORSARO, 2011). Filmes, enfim, que tratam tanto da infância normatizada (aquela restrita à vigilância e proteção das instituições) quanto da infância “hors de norme” (crianças que trabalham, que vivem nas ruas, que sofrem algum tipo de violência ou exploração).

A opção por trabalhar a infância através da linguagem do cinema enquanto recurso que reproduz imagens da realidade ou que cria imagens que levam à reflexão e abstração dessa mesma realidade, se justifica pelo fato de que o cinema se constitui em um instrumento de formação cultural que aproxima o ser humano da complexidade do mundo. O cinema, portanto, é um veículo capaz de causar reflexão e possibilidades de transformação, na medida em que integra as várias dimensões humanas – dimensão ética, política e estética – que implicam diretamente na maneira que expressamos nossas posturas cotidianas e políticas em relação às concepções que temos do mundo que nos cerca. No caso deste projeto, nossas concepções de infância, de criança e de educação.

² Projeto submetido ao Edital da Fundação Cultural de Blumenau-FCB (n.004/2012) e coordenado pelos professores Rita de Cássia Marchi e João Altair Santos.

Os autores da Sociologia da Infância nos têm mostrado como são muitas, e quase sempre contraditórias, as concepções de criança que perpassam a sociedade, pois, Uns valorizam aquilo que a criança já é e que a faz ser, de fato, uma criança; outros, pelo contrário, enfatizam o que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser. Uns insistem na importância da iniciação ao mundo adulto; outros defendem a necessidade de proteção face a este mundo. Uns encaram a criança como agente dotado de competências e capacidades; outros realçam aquilo de que ela carece. (PINTO, 1997, p.33-34).

Entende-se que a estética e a técnica do cinema podem auxiliar na reflexão sobre as diferentes formas de se viver a infância e na (re)construção de olhares diversos sobre a criança. O cinema, no citado projeto, é entendido como arte que, com linguagem própria, promove a experiência estética que possibilita olhar de forma crítica determinadas realidades. Assim, o cinema se coloca como “(..) uma expressão do olhar que organiza o mundo a partir de uma ideia sobre esse mundo” (TEIXEIRA; LOPES, 2003, p.10). No cinema pode-se encontrar, portanto, uma “educação do olhar”, pois ele “olha a infância” e nos mostra diferentes formas de para ela olharmos, em silêncio (LARROSA, 2005). Nesse sentido, neste projeto compreende-se o cinema como arte, não o restringindo, assim, a uma mera manifestação da “indústria cultural”. Também não se tinha por objetivo, a exemplo de Teixeira e Lopes (2003), “escolarizar” ou “didatizar” o cinema, usando-o como ferramenta de “ensino”, e sim, como forma de possibilitar a reflexão sobre problemas complexos e candentes do nosso tempo. Isso porque o cinema propicia romper com as maneiras naturalizadas com que agimos no cotidiano e como compreendemos nossas realidades.

Acessar a arte cinematográfica é, pois, um convite ao imprevisível e inusitado da experiência estética que estabelecemos conosco mesmos e com os outros. O projeto tinha por público alvo professores da rede pública da cidade de Blumenau e cidades vizinhas, e estudantes de licenciaturas da região. A intenção de oportunizar a linguagem artística do cinema, aliada ao aprofundamento teórico e participação do público nas discussões poderia, a nosso ver, contribuir na construção de outras possibilidades de formação de docentes e de outros profissionais que trabalham com crianças.

2 METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto “Infância e Cinema: olhares sobre a criança” teve a duração de um semestre letivo no ano de 2013, contando com 10 encontros semanais (início em março e fim em julho de 2013). As oficinas para exibição e discussão dos filmes aconteceram em sessões itinerantes em diversas escolas públicas da cidade de Blumenau e também na FURB. Os encontros (noturnos) tinham a duração média de 04 horas, sendo sempre iniciados com uma fala sobre o tema do filme e com a distribuição, aos presentes, de um texto norteador para a discussão (texto já previamente postado no blog do projeto³). O objetivo dos textos norteadores, para além de apresentar o tema e sinopse do filme, era o de provocar uma reflexão teórica ao relacionar a narrativa do filme com conceitos e princípios da Sociologia da Infância, tais como a ideia da infância como uma construção social e a da criança como ator social. Ao final da exibição do filme abria-se a discussão que era sempre mediada por dois estudantes mestrandos do grupo (encarregados também da redação do texto norteador com a revisão técnica de um dos coordenadores do projeto), com o objetivo de possibilitar que o público também se expressasse apresentando suas dúvidas, impressões e conclusões sobre o tema e filme do dia.

Além dos dez encontros para ver e discutir os filmes houve ainda mais dois encontros com formato diferenciado: uma palestra com professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que pesquisa e reflete sobre a temática da infância contemporânea, e uma mesa redonda que reuniu representantes das Secretarias Municipais de Educação de três municípios da região de Blumenau que foram convidados a falar sobre as concepções de infância, criança e educação que norteiam as diretrizes curriculares para a Educação Básica nos municípios em que atuam (Blumenau, Gaspar e Pomerode).

³ O blog é uma ferramenta online que permite intercâmbio de informações no espaço virtual da internet e que tem sido também utilizada como recurso pedagógico. O blog do projeto Infância e Cinema (<http://cinemaeinfancia.blogspot.com.br/>) foi utilizado para a divulgação do projeto, para a realização das inscrições, para a postagem da programação geral e demais informações sobre a mesma e para a postagem dos textos norteadores dos encontros, links dos filmes e documentários exibidos no projeto (ou outros relacionados ao tema da infância), artigos, teses e dissertações sobre a temática. Foram constatados, no período de duração do projeto (março a julho de 2013), 6.800 acessos por parte do público em geral.

No que segue, será exposta a programação geral do projeto e, em seguida, serão apresentados dois dos dez filmes exibidos no projeto, com suas sinopses e seus textos norteadores, como forma de mostrar a maneira como os temas dos filmes foram trabalhados nos encontros realizados.

Quadro 1 - Programação Geral

1º encontro:

Filme: *Mutum*; Direção: Sandra Kogut. Ano: 2007; País: Brasil.
Tema Central: A criança e a realidade social adulta.

2º encontro:

Filme (documentário): *A invenção da infância*; Direção: Liliana Sulzbach; Ano: 2000; País: Brasil.

Tema Central: Construção sociocultural da infância no Brasil.

3º encontro:

Filme: *Quanto vale ou é por quilo?*; Direção: Sérgio Bianchi; Ano: 2005; País: Brasil.
Tema Central: Exploração da infância pelo marketing social.

4º encontro:

Filme (documentário): *Nascidos em bordéis*; Direção: Zana Briski e Ross Kauffman; Ano: 2004; País: EUA.

Tema Central: A criança como ator social.

5º encontro:

Filme: *Billy Elliot*; Direção: Stephen Daldry; Ano: 2000; País: Reino Unido.
Tema Central: Construção sociocultural da infância.

6º encontro:

Filme: *A guerra dos botões*; Direção: Yann Samuell; Ano: 2011; País: França.
Tema Central: Criança e corpo.

7º encontro:

Filme: *Geração roubada*; Direção: Philip Noyce; Ano: 2002; País: Austrália.
Tema Central: Infância e política.

8º encontro:

Filme: *Minha vida em cor de rosa*; Direção: Alain Berliner; Ano: 1997; Países: França, Bélgica e Inglaterra.

Tema Central: Infância, sexualidade e gênero.

9º encontro:

Filme: *Educação da pequena árvore*; Direção: Richard Friedenberg; Ano: 1997; País: Canadá.

Tema Central: Infância e criança na concepção indígena.

10º encontro:

Filme: *Como estrelas na terra – toda criança é especial*; Direção: Aamir Khan e Amole Gupte; Ano: 2007; País: Índia.

Tema Central: Crianças deficientes, escola e sociedade

Fonte: <http://cinemaeinfancia.blogspot.com.br/p/t.html>

Destaca-se que os filmes elencados para fazer parte do projeto foram escolhidos em uma ampla discussão entre todos os membros do grupo de pesquisa e essas escolhas seguiram, essencialmente, dois amplos critérios: abarcar o mais amplamente possível a diversidade de filmes (nacionais e estrangeiros) que tratam do universo da infância e/ou da vida das crianças e filmes que os membros do grupo considerassem esteticamente e artisticamente interessantes. Assim, foram escolhidos filmes que evidenciavam a diversidade da vida das crianças e a conseqüente diversidade de infâncias, filmes que levavam à reflexão da infância como fenômeno socialmente construído, filmes que evidenciavam o protagonismo infantil, filmes que retratavam os processos de socialização e educação da infância.

Um dos filmes exibidos foi *Mutum*, uma adaptação feita para o cinema da obra literária *Campo Geral*, de Guimarães Rosa (1908-1967), publicada em 1956. A história acompanha o dia a dia do menino Tiago (“Miguilim”, na obra literária) no sertão de Minas Gerais, numa localidade denominada “Mutum”, enfocando em particular sua relação com a mãe e o irmão menor. A diretora da película definiu “Mutum” como um filme sobre a “despedida da infância”, isto é, um filme sobre a descoberta do mundo adulto e a conseqüente perda da inocência por parte das crianças.

Quadro 2 – Sinopse do filme Mutum apresentado no primeiro encontro

Mutum

SINOPSE: Mutum quer dizer mudo. Mutum é uma ave negra que só canta à noite. E Mutum é também o nome de um lugar isolado no sertão de Minas Gerais, onde vivem Thiago e sua família. Thiago tem dez anos e é um menino diferente dos outros. É através do seu olhar que enxergamos o mundo nebuloso dos adultos, com suas traições, violências e silêncios. Ao lado de Felipe, seu irmão e único amigo, Thiago será confrontado com este mundo, descobrindo-o ao mesmo tempo em que terá de aprender a deixá-lo.

Direção: Sandra Kogut. Roteiro: Ana Luiza Martins Costa e Sandra Kogut. Direção de Atores: Fátima Toledo, Assistente de Direção: Malu Miranda. Duração: 89 min. Ano: 2007. Cidade: Rio de Janeiro. Gênero: Ficção. País: Brasil.

Fonte: <http://canalcurta.tv.br/pt/filme/?name=mutum>

Quadro 3 - Texto Norteador da discussão sobre o filme Mutum

Considerações e indagações sobre a criança e a realidade adulta

“- Por causa de Mamãe, Papai e Tio Terês, Papai-do-Céu está com raiva de nós de surpresa...”
(ROSA, 1984, p. 30).

Os recentes estudos sociais da infância (Sociologia da Infância e Antropologia da Criança) nos apresentam novas concepções acerca da infância e da criança ao considerar que esses são conceitos socialmente construídos e sempre redefinidos pelos contextos socioculturais. Essa resignificação não mais define a criança apenas como um ser em desenvolvimento, mas sim, como *ator social* de pleno direito, participando da construção de sua história pelas e nas interações que estabelece no meio social. Neste sentido, podemos compreender que não existe uma única e universal concepção de infância e de criança. Ao contrário, a diversidade cultural, econômica, étnica, etc., das diversas infâncias e das diferentes crianças, afirmam a pluralidade desses conceitos.

O olhar que temos para a infância foi socialmente construído a partir de uma visão adultocêntrica que se encontra naturalizada em nossa sociedade. Além de possuir o “direito” de falar em nome das crianças, representando-as a partir do seu ponto de vista, o adulto, soberano nas decisões, dirige, geralmente de forma autoritária, a organização do cotidiano da criança. Isto, no entanto, não a impede, de forma inovadora e significativa, de criar seus próprios mundos de vida, nas chamadas “culturas infantis”. Mediante estas considerações podemos refletir sobre a infância que o filme *Mutum* nos apresenta. Este filme retrata a infância pobre vivida por muitas crianças nos sertões do Brasil na década de 50 e 60. Neste tempo histórico as crianças tinham aprendizagem junto à família, ajudando nos afazeres domésticos, na roça e no cuidado com os animais. A escola ainda não era para todos. O protagonista do filme - o menino Tiago - é, assim, levado desde cedo a trabalhar na roça, convivendo com a aridez da terra, com a violência do pai e com a perda.

São retratados nesta história, mecanismos de condicionamento dos comportamentos considerados inadequados. Assim, “Deus” ou o “Diabo” são usados para coibir ações elaboradas pelas crianças e consideradas incorretas pelos adultos. Estes mecanismos condicionam tanto os comportamento das crianças quanto os dos adultos no filme. O menino Tiago tenta encontrar sentido e significado no mundo adulto e, ao viver situações em que necessita decidir entre o “certo” e o “errado”, o “bem” e o “mal”, busca ajuda junto a seu único par (amigo e irmão mais novo) e junto a adultos significativos para ele (o tio, a mãe, e Rosa - a moça que ajuda nos afazeres da casa da família). Podemos perceber esta situação quando ele precisa decidir entre entregar ou não entregar um bilhete do tio para a mãe. Neste momento, o menino vai especular sobre o certo e o errado: “-Rosa, quando é que a gente sabe que uma coisa que vai fazer é malfeito?” “-É quando o diabo está por perto [...]” responde a empregada.* Neste momento, o menino está (re)significando ações em uma *rotina cultural*, que, segundo Corsaro (2011), são momentos onde as crianças partilham os símbolos da cultura adulta lhes atribuindo sentidos próprios. As rotinas culturais, que têm início nas interações com a família, são fundamentais para a imersão das crianças na cultura do mundo adulto. A criança participa ativamente destas rotinas, o que lhe possibilita interpretar, internalizar e (re) significar o mundo adulto do qual participa. A partir destas colocações, indagamos: Qual concepção de

infância o filme evidencia? Que palavras são usadas pelos adultos, no filme, para se referirem às crianças? Em quais situações e como são retratadas as brincadeiras infantis? Como é a interação da(s) criança(s) do filme com a realidade adulta?

Referências:

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PINTO. Manoel; SARMENTO. Manoel. **As crianças Contextos e Identidades – Processos de mediação com crianças em idade pré-escolar**. Braga: Universidade de Minho. Centro de estudos da criança, 1997.

Mutum o filme. Disponível em <<http://www.mutumofilme.com.br/>>. Acessado em 06/04/2012.

Mutum. Produção de Sandra Kogut. Rio de Janeiro: Tambelinni, filmes, 2007 (89min).

ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguelim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

* Fala retirada do filme *Mutum*.

Fonte: <http://cinemaeinfancia.blogspot.com.br/p/t.html>

Com a exibição deste filme e da leitura do texto norteador correspondente, o grupo de pesquisa pretendia possibilitar uma discussão sobre o mundo visto a partir do ponto de vista de uma criança. O mundo visto, portanto, a partir das percepções de um menino; isto é, de “..sua maneira de estar no mundo e de intuir as coisas” (KOGUT, 2008, p.8 *apud* COSTA, 2013, p.32). Tanto a diretora quanto a roteirista expressam que o filme trata, portanto, das “sensações da infância” (COSTA, 2013, p.32) e, nesse sentido, embora a história se passe num lugar remoto, perdido no coração do Brasil, *Mutum* trata da infância de todos nós. A sensação, portanto, é a de que se trata de uma infância que todos conhecemos, porque tem a ver com a sensação que todos nós tivemos ao fazermos também a passagem - de forma mais ou menos gradual ou abrupta - da infância para o mundo adulto ou para os segredos da vida. O desconhecimento das crianças de certos “segredos” da vida (como sexo, doenças, violências, morte, etc.) é o que, justamente, de acordo com Postman (1999), em seu livro *O Desaparecimento da Infância*, separa a criança do mundo adulto. Ou seja, a tese desse autor, para o surgimento do sentimento de infância na modernidade é a distância social que os adultos criam, em determinado momento

histórico, em relação às crianças, passando a delas esconder determinados fatos da vida e aos quais elas só terão acesso na medida de seu crescimento. Vem dessa exclusão das crianças do mundo social a ideia que temos de que elas são ingênuas e inocentes. Mais uma vez, citamos aqui uma expressão da roteirista de Mutum e também cientista social: “toda infância é míope” (COSTA, 2013, p.41). Esta é, na verdade, para as autoras do filme, a trágica condição da infância. Ao se referir à “miopia da infância” a roteirista se refere também ao fato do menino Tiago ser míope e só ter passado a enxergar o mundo como ele é, ao ser levado por um médico à cidade grande e ter passado a usar óculos, o que caracterizou também o seu afastamento do lugarejo em que morava e de sua família, deixando efetivamente sua infância para trás.

Crescer, portanto, significa ter que entrar em contato com os fatos difíceis ou duros da vida e, assim, perder a inocência que caracterizaria o período da infância. É justamente essa perda de inocência que o menino Tiago sofre no filme e que a diretora, acima, chama de “despedida da infância”. É por tudo isso que os expectadores se reconhecem no filme como as crianças que foram, ao lembrarem de fatos de sua própria infância e da difícil entrada no mundo adulto. Assim, o exercício que o filme leva os expectadores a realizar é o de passar a ver, novamente, a vida pelos olhos de uma criança, condição fundamental para que a alteridade estabelecida entre crianças e adultos se transforme, mesmo que momentaneamente, num ato de compreensão do outro: a(s) criança(s) com que todos lidamos/trabalhamos hoje - nossos alunos, nossos filhos, sobrinhos, netos, etc.

Outro filme exibido durante a execução do projeto foi o documentário *A invenção da infância*, muito premiado no Brasil e no Exterior. Com ele, pretendia-se ilustrar a diversidade de tipos de infância que são possíveis de serem encontradas em nosso país (assim como no resto do mundo) a partir de sua diversidade geográfica e socioeconômica. Nesse sentido, se pretendia realizar uma reflexão, na forma rápida e contundente que o cinema propicia, sobre a tese da construção social da infância, hoje tão disseminada em artigos, livros e teses na área dos estudos sociais da infância. A divulgação acadêmica de que a infância não é um conceito unívoco e universal; pelo contrário, de que é um conceito social e historicamente

construído, vai contra a compreensão de senso comum de que a infância é um conceito natural e, portanto, é a mesma em todo lugar. Se essa tese é já hoje amplamente aceita nos meios acadêmicos ela, no entanto, não tem a mesma repercussão no cotidiano social e, por isso, a escolha deste documentário que trabalha de forma bastante eficaz a ideia de que o período da vida denominado infância é uma “invenção social”.

Quadro 4 – Sinopse do documentário exibido no segundo encontro

A Invenção da Infância

SINOPSE: “Ser criança não significa ter infância.” O conceito de infância começou a ser construído entre os séculos XVI e XVII, a partir das conquistas do pensamento humanista. No Brasil do final do século XX, no interior da Bahia, crianças pobres trabalham em canaviais, plantações de sisal e pedreiras em troca de comida ou de alguns poucos centavos. Ao mesmo tempo, em uma metrópole como São Paulo, o sonho de uma infância livre do trabalho e preocupações é substituído, nas classes média e alta, por uma extenuante rotina de atividades de preparação para a competitiva vida adulta. Em ambos os casos há o advento de uma cultura essencialmente audiovisual: a televisão. É neste mundo da cultura audiovisual, com apologia ao sexo e à violência que o mundo dos adultos e das crianças começa a se confundir.

Direção e Roteiro: Liliana Sulzbach. Trilha original: Nico Nicolaiesvsky. Narração: Kiko Ferraz. Local de Produção: RS. Ano: 2000. Gênero: Documentário. Duração: 26 min. País: Brasil.

Fonte: http://portacurtas.org.br/filme/?name=a_invencao_da_infancia

Quadro 5 - Texto norteador da discussão sobre o documentário A invenção da Infância

Considerações e indagações sobre a construção social da infância

“Uma época na qual crianças podem trabalhar como adultos, consumir como adultos, partilhar das informações como adultos, não reconhece o mundo infantil como diferente ou especial. Um mundo onde adultos e crianças compartilham da mesma realidade física e virtual, é um mundo de iguais” (trecho retirado da narração do documentário A invenção da infância).

Na sociedade Medieval, segundo os estudos de P. Ariès em *A História Social da Criança e da Família*, não existia o “sentimento de infância”* tal como hoje o conhecemos. Assim que as crianças eram desmamadas - caso superassem o alto índice de mortalidade - por volta dos sete anos, tornavam-se “companheiras naturais dos adultos” (Ariès, 2011). Neil Postman, em seu livro *O Desaparecimento da Infância* (1999) argumenta que dentre as razões pelas quais o conceito de infância não existia na época medieval encontram-se: “a falta de alfabetização, a falta de educação, a falta do conceito de vergonha” (POSTMAN, 1999, p.31). O conceito de vergonha, acima mencionado, tem relação com o fato de que, naquela época, os

adultos não escondiam das crianças, certos “segredos” da vida adulta. Neste contexto social a criança era, de certa forma, “invisível”, por ter pouca importância social. Este autor também pontua, como Ariès, a alta taxa de mortalidade infantil na Idade Média como possível causa do pouco envolvimento emocional dos adultos com as crianças.

É no Renascimento, com a invenção da prensa tipográfica e da “sociedade letrada” que “nasce” a infância moderna (POSTMAN, 1999, p.33). Todavia, este “nascimento” surge mais em decorrência de uma nova concepção de adulto: aquele que deveria saber ler e escrever, enquanto a criança era aquela que ainda não dominava a escrita e que precisaria, portanto, passar pelo processo da educação, uma “espécie de quarentena”**, onde as crianças eram afastadas da convivência do mundo adulto mais amplo estando restritas aos espaços da família e da escola. A percepção de infância que temos na atualidade adquiriu esta configuração nos séculos XVI e XVII, todavia, segundo Pinto (1997) nos últimos 150 anos, a infância adquiriu, de fato, “expressão social, não somente no plano da enunciação e dos princípios, mas, sobretudo, no plano da prática social generalizada” (PINTO, 1997, p. 43). Para Marchi (2009, p.229):

*O contexto histórico mais geral e consensualmente denominado **modernidade** é considerado o período no qual as ideias de infância e criança tomaram a forma com a qual somos hoje familiarizados. Como parte desse processo de instalação da vida e sociedade modernas, a construção social da infância não poderia ser um processo sem conflitos ou contradições. Diversos autores dedicam-se, na verdade, a demonstrar que a história da infância é pautada pela luta política por sua definição, educação e controle (grifo no original).*

O documentário *A Invenção da Infância* (1996) dá visibilidade às imagens e representações sociais de crianças brasileiras que vivem infâncias diferenciadas, mesmo sendo amparadas pela atual legislação, como é o caso do Estatuto da Criança e do Adolescente. A obra apresenta os contrastes entre os contextos de Retiroândia e Santa Luz na Bahia e São Paulo, vividos pelos meninos e meninas que dão seus depoimentos no documentário cujo eixo central gira em torno da “invenção e fim” da infância. Inicialmente é afirmado que entre as descobertas do ser humano na modernidade está a infância compreendida como um período no qual as crianças “como seres frágeis” precisam dos cuidados dos adultos. A ideia de proteção está implícita nesta afirmação.

Podemos perceber nas falas das crianças as observações realizadas pela antropóloga brasileira Tânia Dauster que afirma: “O trabalho precoce, produz, contudo, uma passagem forçada à vida adulta que lembra o conceito de ‘infância curta’ de Ariès (1978), segundo o qual uma criança a partir dos 5 ou 7 anos passa, sem transição, para o mundo do trabalho e dos adultos” (DAUSTER, 1992, p.35)***. As crianças relatam, no documentário, as dificuldades que encontram para desempenhar as atividades extraescolares (no caso das meninas de classe média de São Paulo) e o trabalho na pedreira e no sisal (no caso dos meninos pobres da Bahia):

*“Eu acho que eu trabalho porque não tem jeito, tem que trabalhar mesmo”(Geomar).
“O meu trabalho tá sendo quase o mesmo dos adulto. É uma vida de adulto”*

(Geomar). *“Horário pra ir no clube é horário pra ir no clube, horário de ir pra escola é horário de ir pra escola, horário de ir pro tênis é pro tênis, horário de ir pro balé é pro balé* (Carolina). *“Trabalho duro, perigoso. A pessoa pode se cortar, pode furar um olho”*(Sivanildo) *“Porque às vezes eu quero fazer uma coisa mais divertida, mais descontraída e não posso. Porque tem que fazer muita lição, tem que estudar muito”* (Ana Livia).****

Dauster (1992, p.36) afirma também que “A criança que trabalha e estuda, reedita a imagem da infância no antigo regime, mergulhada em uma sociabilidade densa, de tênues fronteiras entre o público e privado (...)” Podemos perceber essa afirmação na fala dos meninos Geomar e Sivanildo:

“Eu tenho doze anos e trabalho aqui desde os nove. Deu muito trabalho pra eu aprender a trabalhar, porque eu não sabia, não sabia botá palha, não sabia cortá. Aí eu fui aprendendo aos poucos, estendendo fibra, aprendendo mais e, agora eu sei mais um pouco” (Geomar). *“Só dá tempo de brincadeira de tardinha, de manhã tá na escola e a tarde tá trabalhando, pára às cinco horas, sobra uma hora de relógio”*(Sivanildo).

Além do trabalho precoce, o compartilhamento por adultos e crianças da mesma realidade física e virtual faz com que as crianças sejam na atualidade “confundidas” com adultos, criando um mundo de iguais (tal qual no mundo medieval).

Após as observações aqui realizadas e com a exibição do documentário, podemos indagar: ser criança significa ter infância? Como as desigualdades sociais interferem na infância das crianças em nosso país?

Referências:

A *Invenção da Infância*. Disponível em <http://portacurtas.org.br/filme/?name=ainvencaodainfancia>. Acessado em 11/04/2013.

ARIES, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

DAUSTER, Tânia. *Uma infância de curta duração: trabalho e escola*. Caderno de Pesquisa. São Paulo, nº 82. p. 31-36. 1992.

MARCHI, Rita de Cássia. As Teorias da Socialização e o Novo Paradigma para os Estudos Sociais da Infância. *Revista Educação & Realidade*. UFRGS. Porto Alegre. RS. Volume 34(1) p. 227-246. Jan/abr 2009.

PINTO, Manuel. A Infância como construção social. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (org.). *As crianças: contextos e identidades*. Portugal: Uminho /Centro de Estudos da Criança, 1997. p. 33-73.

POSTMAN, Neil. *O Desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

* Para Ariès (2011), a ausência do “sentimento de infância” na Idade Média está relacionada à não consciência das “particularidades infantis” que diferenciam a criança do adulto. Assim, o “sentimento de infância” descrito por este autor, não está relacionada à falta de afeição dos adultos pelas crianças.

** Para Ariès (2011), historicamente, as crianças foram submetidas a um regime especial - chamado de quarentena – para a transição para o mundo adulto. A escola seria este lugar onde as crianças deveriam realizar essa transição, ou seja, o único meio adequado de formação das crianças, a partir da Modernidade.

*** No artigo intitulado “Uma infância de curta duração: trabalho e escola”, a autora associa a questão da “infância de curta duração” a uma escola que se constitui e se produz socialmente como de “curta duração” para as crianças das classes populares, devido à necessidade, das crianças e suas famílias, da inclusão precoce no mundo do trabalho.

**** As falas das crianças foram retiradas do documentário *A invenção da Infância*.

Fonte: <http://cinemaefancia.blogspot.com.br/p/t.html>

Como se vinha afirmando acima, a intenção com a exibição do documentário era a de colocar os participantes do projeto em contato com realidades distintas em nosso país que fazem com que distintas infâncias sejam construídas e vivenciadas por diferentes crianças. Assim, o que disso resulta é que se percebe que também o modelo ou ideal de criança, disseminado no cotidiano social, nem sempre encontra eco na realidade cotidiana. Neste sentido Marchi (2007, p.3) afirma:

Contemporaneamente, há uma simultânea tendência entre uma concepção global da infância e a crescente consciência da sua diversidade ao redor do mundo. O processo de globalização cultural que tanto homogeneiza quanto diferencia as condições sociais da infância contemporânea possibilita que a infância passe a ser vista como formatada, simultaneamente, por sua *homogeneidade* – enquanto estrutura de tipo geracional permanente nas sociedades – e por sua *heterogeneidade* – um fenômeno marcado pelas variáveis de classe, gênero, etnia, nacionalidade, etc. A partir desta compreensão, uma variedade de *possíveis infâncias* emerge.

Esta autora, assim como a diretora do documentário, se empenha em demonstrar que ser criança não significa, efetivamente, ter infância. Isso porque,

Embora se possa dizer que a infância moderna (enquanto uma “situação desejável” das crianças viverem esta “idade da vida”) tenha atingido um alto grau de aceitação e consenso, a atual consciência da diversidade de infâncias em todo o planeta demonstra que este modelo não se concretizou (a não ser em um curto “apogeu” temporal e socialmente localizado) na maior parte das sociedades e para a maior parte das crianças do mundo. Atualmente considera-se que a infância moderna enquanto uma fase da vida que se caracteriza por um período longo de “proteção social” com – entre outras medidas – o afastamento das crianças do mercado de trabalho e das ruas é antes exceção do que condição de vida das crianças em contextos de pobreza em todo o mundo (MARCHI, 2007, p.4).

Assim, o que a exibição do documentário e o texto norteador tinham por intenção provocar no público era a consciência de que nem todas as crianças são iguais, já que participam de diferentes contextos sociais, culturais e econômicos. Essa compreensão reflete diretamente no meio escolar onde também se cultua ou se cultiva um determinado modelo de “aluno” aliado a um modelo de “criança” que tem, por sua vez, por detrás, também um modelo ideal de “família”. Assim, quando as crianças concretas, de nossas salas de aula, não correspondem a esse modelo de aluno que a escola tem por norte, a tendência é a de que essas crianças sejam penalizadas por essa não concordância ao modelo, através da aplicação das punições disciplinares que visam também atingir suas famílias. Dois sociólogos da educação, Gimeno Sacristán e Philippe Perrenoud, em seus livros “O aluno como invenção” (2005) e “O ofício de aluno e o sentido do trabalho escolar” (1995), respectivamente, trabalham justamente essa questão da dificuldade das crianças se enquadrarem no estereótipo de “bom aluno” quando suas condições concretas de existência na sua família, no seu bairro, não lhes possibilita atingir o ideal proposto ou perseguido pela escola e professores. O que disso decorre é que uma questão social e cultural acaba por ser transformada em um problema estritamente pedagógico, de caráter disciplinar, pois essas crianças que não se enquadram no modelo passam a ser vistas como indisciplinadas, mal educadas, resistentes à autoridade do professor, entre outros problemas.

É interessante destacar que, no documentário A Invenção da Infância, embora não sejam feitas referências evidentes, pode-se perceber, atuantes no roteiro, as teses acadêmicas de Ariès e também a de Postman (já citadas) sobre o “surgimento” e o “fim” da infância na modernidade. Assim, a roteirista e a diretora, ao denunciarem as grandes diferenças sociais existentes no Brasil, apresentam, alternadamente, as diferentes realidades que constroem diferentes tipos de infâncias e de crianças, assim como diferentes sentimentos sociais relacionados às crianças.

No documentário pode-se ver que, nas famílias de baixíssimo poder aquisitivo, o índice de mortalidade infantil é elevado, o que leva as crianças sobreviventes a terem que trabalhar para ajudar na obtenção de recursos para a subsistência familiar, enquanto desenvolve nos adultos das famílias sentimentos que justificam não só o trabalho infantil, mas também a aceitação dos casos frequentes

de doenças e morte de suas crianças. Por outro lado, as famílias com melhores condições financeiras passam a exigir de suas crianças que tenham o seu tempo todo tomado com atividades escolares e extraescolares que, supostamente, lhes garantirá um futuro promissor e de acordo com os ideais de seu meio social.

Assim, ao fim e ao cabo, o que diretora e roteirista do documentário evidenciam, é que nos dois extremos sociais o efeito parece ser o mesmo: o de propiciar um determinado “fim da infância” (tal qual o postulado de Postman), seja através da adultificação precoce da criança pobre pelo exercício do trabalho adulto, seja pela vida sem qualquer tipo de liberdade e fruição que as crianças das classes médias são obrigadas a levar na incumbência tanto da realização do trabalho escolar quanto das inúmeras atividades extraescolares: natação, balé, aprendizado de línguas estrangeiras, esportes, etc, o que acaba por não lhes deixar também tempo de “ser criança”, isto é de usufruir o tempo da infância.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: RESULTADOS OBTIDOS

Para encerrar este relato de experiência pedagógica temos ainda a colocar que, se o Projeto **Cinema e Infância** teve a participação média de 35 pessoas por encontro, houve evidências de desdobramentos para um público maior. Isto é, evidências de que os participantes do projeto atuaram como multiplicadores em seus locais de trabalho, pois nos relataram, nas discussões realizadas, que levavam as reflexões do coletivo do projeto para as reuniões pedagógicas de suas escolas e também para as reuniões de pais e professores, por considerarem de extrema importância que os profissionais que com eles trabalhavam tivessem também acesso à problematização e discussões propostas e realizadas pelo projeto. Aqui, portanto, vimos ser alcançado um dos objetivos do projeto que era possibilitar novas formas de compreensão da infância e das crianças. Isso se refere, de modo mais amplo, também à reflexão que os profissionais (professores) faziam em relação a seus papéis de pais, mães, avós, tios, etc.

Para além das discussões mais teóricas que o projeto propiciou junto ao público alvo, também pudemos perceber a avaliação positiva do mesmo em relação à própria organização da execução do projeto. Nesse sentido, nos foram apontados

como muito positivos os seguintes aspectos: a amplitude de temas enfocados nos filmes e a diversidade do repertório escolhido para apresentação, a itinerância dos encontros que possibilitou a oportunidade de se conhecer diferentes contextos escolares existentes na cidade de Blumenau, o convite estendido a diferentes tipos de profissionais que lidam com a infância (professores, assistentes sociais, psicólogos, conselheiros tutelares, etc.), assim como à comunidade escolar de forma geral (famílias, diretores, coordenadores), o encaminhamento das discussões de análise dos filmes a partir da mediação da equipe responsável pelo projeto, entre outros aspectos. Também foi apontado como positivo o simples fato da equipe oferecer um lanche no início dos encontros, permitindo que as pessoas socializassem por algum tempo antes da exibição dos filmes, o que também permitia que muitas pessoas pudessem vir direto do trabalho para o local do projeto sem ter que passar em casa antes para se alimentar. Além disso, alguns participantes manifestaram também uma viva alegria (particularmente no dia em que a equipe ofereceu pipoca durante a exibição de um filme) por estarem “indo ao cinema”, isto é, tendo a oportunidade de algum lazer, raro no cotidiano de trabalho.

Outro fato que merece ser destacado é que não foi apenas o público alvo do projeto que com ele se beneficiou, pois a equipe também obteve ganhos expressivos com a elaboração do projeto e sua execução. Isto no sentido de que o grupo passou pela experiência de trabalhar de forma coletiva, seja nas atividades que demandavam uma reflexão teórica (elaboração do próprio projeto, redação dos textos norteadores, escolha e análise dos filmes, redação do relatório final enviado ao patrocinador, redação de um artigo submetido e aprovado, em 2013, para apresentação oral no XI EDUCERE ⁴, redação deste relato de experiência), seja nas tarefas de caráter mais prático ou instrumental (como na elaboração de cronograma de trabalho para os membros da equipe, nos contatos feitos com as escolas para permissão de atuação em seus espaços, a logística de compras e de deslocamento da equipe, a montagem do acervo cinematográfico, etc.). No entanto, é opinião de todos os membros da equipe que a maior satisfação e também o maior aprendizado se deu por conta das contribuições do público que expressava abertamente seus

⁴ Evento de âmbito nacional na área da Educação, realizado a cada dois anos em Curitiba (PR).

sentimentos e emoções, suas dúvidas e certezas, compartilhando experiências educativas pessoais e profissionais relacionadas ao convívio com crianças.

Esse partilhar de experiências permitiu que a equipe do projeto, fundamentalmente os mestrandos, pudessem perceber, na prática, através dos depoimentos, as diferentes concepções que circulam no espaço social sobre a infância, as crianças e sua educação. Nesse sentido, foi, para essa equipe, um momento de relacionar os estudos teóricos realizados no grupo de pesquisa com a vivência realizada no projeto a partir da articulação dos temas dos filmes com o texto norteador e com as reflexões dos participantes que, geralmente, diziam respeito às realidades locais, permitindo um contraponto com as realidades (geográfica e socialmente) “distantes” exibidas nos filmes.

A partir desta ação de extensão universitária percebemos que a participação no projeto Infância e Cinema permitiu, junto aos participantes, o surgimento de novas reflexões sobre os conceitos de criança, infância e de educação. Isso se deu, entendemos, porque o cinema viabiliza de forma essencialmente sinóptica e artística, a ampliação e diversificação das imagens, conceitos e preconceitos que estão naturalizados nas práticas e discursos sociais cotidianos. Assim, compreende-se que a linguagem do cinema pode operar uma desconstrução do já instituído socialmente de forma a possibilitar a sua reinvenção.

RITA DE CÁSSIA MARCHI

Doutora em Sociologia Política. Professora do PPGE/ME e do Curso de Ciências Sociais da Universidade Regional de Blumenau - FURB. Líder do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Interdisciplinar da Criança e do Adolescente (NEICA).

DANIELA ODETE OLIVEIRA

Mestre em Educação pelo PPGE/ME- FURB. Membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Interdisciplinar da Criança e do Adolescente (NEICA). Professora de Educação Infantil do Colégio de Aplicação da Universidade do Vale do Itajaí-UNIVALI.

MARISTELA PITZ SANTOS

Mestre em Educação pelo PPGE/ME- FURB. Membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Interdisciplinar da Criança e do Adolescente (NEICA). Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Blumenau/SC.

JOÃO ALTAIR SANTOS

Mestre em Educação pelo PPGE/ME-FURB. Membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Interdisciplinar da Criança e do Adolescente (NEICA). Professor de Educação Básica do Município de Pomerode/SC e do CEDUP Blumenau/SC.

REFERÊNCIAS

A INVENÇÃO da infância. Direção de Liliana Sulzbach. Porto alegre: M. Schmiedt Produções, 2000. 26 min. son. color.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

CORSARO, William A. *Sociologia da Infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, Ana L. Martins. Miguilim no cinema: da novela “Campo Geral” ao filme “Mutum”. *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v.44,n.2,jul/dez,2013,p.31-52.

DAUSTER, T. Uma infância de curta duração: trabalho e escola. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº 82. p. 31-36. 1992.

LARROSA, J. *Poéticas da diferença: imagens cinematográficas da infância*. 2005. Disponível em:

<<http://sentidos.uol.com.br/canais/materia.asp?codpag=8557&codtipo=2&subcat=32&canal=mercado>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

MARCHI, R. C. *Os sentidos (paradoxais) da infância nas ciências sociais: um estudo da sociologia da infância crítica sobre a "não-criança" no Brasil*. 2007. 308f. Tese (Doutorado em Sociologia Política). UFSC, Florianópolis, SC.

MARCHI, R. C. As Teorias da Socialização e o Novo Paradigma para os Estudos Sociais da Infância. *Revista Educação & Realidade*. UFRGS. Porto Alegre (RS). Volume 34(1), Jan/Abr, 2009, p. 227-246.

MUTUM. Direção de Sandra Costa. Roteiro de Ana L. M. Costa e Sandra Kogut. Rio de Janeiro: Tambellini Filmes, 2007. 89 min. son.color.

PERRENOUD, P. *O ofício de aluno e o sentido do trabalho escolar*. Portugal: Porto, 1995.

PINTO, M. A Infância como construção social. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (orgs.). *As crianças: contextos e identidades*. Portugal: Minho /Centro de Estudos da Criança, 1997. p. 33-73.

POSTMAN, N. *O Desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

ROSA, J. G. *Manuelzão e Miguelim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SACRISTÁN, J. G. *O aluno como invenção*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SARMENTO, M. J. Visibilidade social e estudo da infância. In.: SARMENTO M. J.; VASCONCELLOS, V. M. R. (orgs.). *Infância (in)visível*. Araraquara, São Paulo: Junqueira & Marin, 2007.

TEIXEIRA, I. A. C.; LOPES, J. S. M. (orgs.). *A escola vai ao cinema*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.